

le. Trattando dell'etimologia di *it. bestemmia* Alinei riporta la prima parte della parola a un etimo slavo, attestato da una serie di termini che hanno come significato di base 'folle', che avrebbe formato una forma ibrida in greco, il tipo *blasfemia*, presente anche in italiano: «...l'etimologia sarebbe soprattutto importante come conferma della presenza dello slavo nel mondo culturale greco, già ai tempi di Platone (che usava la parola), e chissà da quanto tempo...» (p. 246).

Ho citato all'inizio la rivista «Quaderni di Semantica», da cui è tratto gran parte del materiale etimologico presente nel volume. La rivista, che entra oggi nel quarantesimo anno di vita, si è occupata a lungo del recupero del materiale folklorico relativo alle credenze popolari sugli animali, e ai fenomeni connessi di tabù linguistico, per cui Alinei si rivolse al tesoro rappresentato dallo *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens* (curato da H. Bächtold Stäubli, Berlino-Lipsia, 1927-1942), specie alle voci relative ai nomi degli animali, molte curate dallo studioso austriaco Riegler, che Alinei ricorda anche in questo volume, insieme a Sir James Frazer, per avergli suggerito di riconoscere le remote radici totemiche di diversi zoonimi presenti nei dialetti italiani. Constatò allora come fosse difficile recuperare notizie sulla vita di uno studioso di grande valore come Riegler, pur vissuto in anni non remoti in un paese europeo. Meritevoli a questo proposito, e citati da Alinei con gratitudine, sono i lavori di Gabriella Giacomelli e Glauco Sanga, oltre a quelli di Hugo Plomteux, autore di volumi sui dialetti liguri e di una notevole tesi sui nomi popolari romanzi del rospo, pubblicata dai «Quaderni di Semantica» nel 1982. Tutti questi influssi confluiscono in questo volume nell'interessante saggio sulle origini linguistiche e antropologiche della *filastrocca* (pp. 163-193), oltre che nelle voci curate da Mario Alinei nell'*Atlas Linguarum Europae*.

Le quasi 900 pagine del libro, e la necessaria brevità di questa recensione, mi impediscono di proseguire oltre nell'esame dei 55 capitoli di questo volume. Lascio al lettore ogni ulteriore esplorazione, e termino su una breve osservazione a proposito del materiale bibliografico (pp. 841 ss.), nel quale devo purtroppo constatare numerose assenze. Prendo ad esempio la p. 452 del testo, dove Alinei tratta la controversa etimologia di *it. guerra*, cui ho già accennato sopra. Tra le molte citazioni mancano ad esempio in bibliografia il volume di Emilio Sereni del 1955 e quello fondamentale di Heurgon del 1957. Naturalmente si tratta di peccati veniali in un volume di queste proporzioni, e curato a poca distanza dalla morte dell'Autore.

Si tratta infine di un testo che intenzionalmente vuole suscitare un dibattito approfondito non solo sulla natura stessa della ricerca etimologica, ma in particolare sulle radici e sui metodi della romanistica tradizionale, di cui Alinei propone una rifondazione, basata sulla eliminazione delle basi stesse, l'esistenza di lingue di sostrato, l'importanza del superstrato germanico, la nascita dei dialetti in epoca tardo-antica e alto-medievale.

Rita CAPRINI  
Università di Genova

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso / BREA, Mercedes (ed.) (2018): *Obreiro da lingua, amigo da xente. Estudos de xeografía lingüística en homenaxe a Manuel González*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.<sup>1</sup>

Nesta muito modesta recensão, começo por referir as duas excelentes notas introdutórias: «Manuel González González, un *homenot* de Mazaricos» (Antón Santamarina) e «Nota bibliográfica» (Xosé Afonso Álvarez Pérez). Numa apreciação global do volume, constata-se que a maioria das contribuições se baseou no nosso principal instrumento de trabalho: os atlas lingüísticos (nacionais, regionais ou

1. Eternamente grato ao meu bom amigo Xosé Afonso Álvarez Pérez pela sua, mais que cuidada, leitura feita a este trabalho.

de pequenos domínios). Nelas, são analisadas as designações de conceitos isolados, pertencentes a vários campos semânticos, com diferentes abordagens metodológicas e em diversos territórios: ‘torneira’ (România), ‘pássaro’ (Picardia), ‘joaninha’ – *Coccinella septempunctata* (Itália setentrional); ‘via láctea’ (Galo-România, Catalunha), ‘pega’ – *Pica melanotos* (Castela); ‘lesma’ – *Gastropoda*, sub-ordem *Stylommatophora* (Italo-România e Sardenha); ‘vassoura’ (Galo-România). Outros dois trabalhos analisam 4 ou 5 conceitos: ‘careca’, ‘queixo’, ‘circo da lua’ e ‘via láctea’ (Galiza e Portugal); ‘lágrimas’, ‘nariz’, ‘(dente) molar’, ‘imberbe’ e ‘cara’ (Roménia).

Os restantes abarcam temáticas muito diferentes entre si, mas sempre desde uma perspectiva dialectológica: (i) Descrição de atlas generalistas e especializados de diferentes áreas: (Itália, Alpes e Piemonte). (ii) Problemas metodológicos surgidos durante um inquérito linguístico em território bilingue (ilha de Cres, na Croácia). (iii) Análise automática da morfologia ladina dos Dolomitas numa aproximação «geolinguística, dialectométrica e tipológica». (iv) Análise prosódica do galego lido: sua organização temporal e caracterização rítmica, comparadas com outras variedades românicas. (v) Lista de refrões meteorológicos, maioritariamente ibéricos, em que entram sol e lua.

A ordem de análise às 15 contribuições científicas de colegas e amigos românicos, que compõem esta mais do que justa e merecida homenagem a Manolo González, obedece a princípios geográficos: do mais longínquo espaço românico na Europa até ao mais próximo, a “mãe” Galiza.

Nicolae Saramandu / Manuela Nevaci, «Les dialectes roumains dans la perspective de la géographie linguistique».

Primeiramente, é feita uma sucinta, mas completa, história dos estudos que abordaram os dialectos romenos sub-danubianos, sejam atlas linguísticos, sejam outras obras de conjunto relevantes. Apenas referirei os primeiros: (i) *Atlasul lingvistic român* (ALR). (ii) *Noul Atlas lingvistic român* (NALR). (iii) *Micul Atlas lingvistic al graiurilor istroromâne* (MALGI). (iv) *Atlasul lingvistic istroromân* (ALIS). (v) *Meglenoromânischer Sprachatlas* (MEGLA). (vi) *Atlasul lingvistic al dialectului meglenoromân* (ALDM). (vii) *Aromunischer Sprachatlas. Atlasul Lingvistic Aromân* (ALiA). (viii) *Mic atlas al dialectului aromân din Albania și din Fosta republică Iugoslavă Macedonia* (Neiescu). (ix) *Atlasul lingvistic al dialectului aromân* (ALAR).

O objetivo principal do trabalho é analisar as respostas para cinco conceitos (‘lágrimas’, ‘nariz’, (dente) ‘molar’, ‘imberbe’ e ‘cara’) que se recolheram na última dessas obras, o ALAR. Os dados obtidos comparam-se sistematicamente com aqueles presentes no *Atlasul lingvistic român pe regiuni. Sinteză* (ALRR Sinteză). Os autores concluem que o ALAR demonstra a importância do aromeno para o estudo e compreensão da língua romena na sua globalidade.

Nikola Vuletić, «Sobre una enquisa que saúu bilingüe».

Este capítulo reflecte sobre a experiência de inquérito para um atlas linguístico-etnográfico de terminologia da construção naval costeira e do pescado na Dalmácia e em Kvarner (JAPRK) na vila de Cres, a povoação mais importante da ilha homónima, no Adriático.

O contacto com a complexa realidade linguística local, a constatação de que tem existido uma certa especialização — a variedade local do véneto está ligada à construção naval, enquanto o dialecto croata é a língua da pesca — e a observação de que os quatro informadores são bilingues (com diferente intensidade) fizeram com que os investigadores do atlas abandonassem o seu propósito inicial de realizarem entrevistas separadas, em croata ou véneto segundo a língua inicial do informante. No entanto, os inquiridores, pessoas com amplos conhecimentos sobre a pesca e a vida do mar, optaram por expressar-se nas próprias variedades. Esta escolha revelou-se acertada, pois permitiu uma recolha de dados muito válidos, através de um diálogo entre a «xente do mar, a do lugar e a de fóra».

Michel Contini e Elisabetta Carpitelli, «In cammino per Santiago a passo di lumaca. Quelques désignations de la limace dans les dialectes sardes et italo-romans».

O objetivo principal do capítulo é examinar a motivação das designações para a lesma no domínio sardo, com apoio nos materiais do AIS e, principalmente, do ALI. Fazem-se numerosos contrastes com os dialetos italo-românicos e, na introdução, comparam-se os nomes da lesma com os de um animal estreitamente relacionado, o caracol.

Uma resposta muito frequente é o zoónimo de parentesco “mãe”, que aparece sobretudo em nomes compostos. Têm também muita vitalidade na ilha os “proto-lexemas de origem fono-simbólica”: [tili-]; [tsattsal-]; [babb- / babba(l)-]; [kok(k)-]; [sitsi-, pitsi-, tʃiʃi-].

Existe uma grande diversidade de designações, entre as quais: a viscosidade do animal, o habitat húmido ou a água, a repulsa que causa no falante, etc. É muito interessante uma designação que também ocorre em pontos da Itália e da Sicília: “a lesma é um caracol sem uma coisa”, ou seja, um caracol ‘nu’, ‘sem roupa’, ‘fora da casca’.

Outras criações são a lesma como “guardadora de vacas” / “cordeira”; e, ainda, como “papa-freirinhas”, “papa-pilinhas” (sexo masculino infantil) ou “mata-pais”.

No que diz respeito à distribuição geolinguística, conclui-se que: (i) ‘mãe’ ocorre sobretudo no sardo setentrional, no galurês, em Alghero e Calasetta; (ii) [tili-] no galurês e em parte do sardo septentrional; (iii) [kok(k)-] na zona do logudorês, estendendo-se ao sassarês; (iv) [tsatsal-], [babb-], [sitsi-] no sardo meridional, assim como as motivações “húmidas”; (v) *caracol* + *especificador* ocorre na mesma área, com uma extensão para norte que atinge a região centro-oriental, pertencente ao sardo septentrional.

Vittorio Dell’Acquila / Gabriele Iannàcaro, «Traitement géolinguistique de la morphologie nominale ladine à partir des données de l’*Atlas Linguistisch ladin*».

O trabalho consiste numa análise “pluridimensional” (geolinguística, quantitativa e tipológica) da morfologia nominal do ladino dos Dolomitas. Historicamente falando, um dos traços linguísticos relevantes na demarcação dos dialectos ladinos foi o da conservação do -s latino nos plurais e que é a mais frequente das 16 terminações possíveis de plural (morfemas). Estas podem ser classificadas e distribuídas por três grupos, de acordo com o grau de diferença entre singular e plural: (i) por acrescento, (ii) por substituição e (iii) sem marcação.

A investigação que se apresenta neste capítulo combina duas perspectivas complementares: o agrupamento das formas e o estabelecimento de tipologias de sistemas e a quantificação das distâncias entre singulares e plurais segundo o algoritmo de Levenshtein. A primeira abordagem permitiu a sistematização em 9 tipologias que correspondem a 9 áreas geográficas, bem definidas e coesas, com cerca de 3 pontos de inquérito cada. O recurso a uma análise quantitativo-algorítmica, igualmente utilizada em dialectometria, estabelece um agrupamento hierárquico dessas áreas, no que diz respeito ao seu grau de similaridade: um central e três periféricos (um ocidental e dois orientais), visualizados num dendrograma.

Depois da quantificação e visualização das distâncias, o trabalho apoia-se nos dados obtidos para reflexionar sobre a “previsão de estabilidade” dos plurais na região.

Rita Caprini, «La coccinella *borda*, insetto e nebbia».

Analisa-se a motivação de *borda*, um dos nomes por que é conhecida a joaninha (*Coccinella septempunctata*) em lugares da Itália septentrional, e que, nalgumas zonas dessa região (parte da Lombardia e da Emilia), de forte substrato céltico, também designa o ‘nevoeiro’. Também se examina a relação com o latim *forda* ‘[vacca] prenha’, que pode ter uma origem comum, numa raiz indo-europeia \*bh-> lat. *f-* e céltico *b-*.

No que diz respeito à relação com a névoa, a autora conecta esta pesquisa com a sua investigação precedente sobre o par inglês *fog* (‘névoa’) / *fox* (‘raposa’). Pode explicar-se pela consideração mágico-religiosa do animal. Aprofunda o vínculo com os bovinos, que poderia remeter para questões sacrificiais, que persistiriam ainda nos rituais infantis, como o convite para que voe e leve / traga qualquer coisa. No caso português, pede-se que voe e leve *carta* para determinado lugar, *Lisboa*. Refere que é habitual *borda* receber o complemento *San Michele*, pela necessidade de “cristianizar” um termo que assenta numa (traduzo) “concepção pagã do mundo”.

Federica Cugno / Matteo Rivoira, «Progetti geolinguistici tra continuità e innovazione: dall'ALI al PALP, dall'ATPM al MAPforUS».

Depois de uma reflexão sobre a dialectologia italiana, é apresentada uma circunstanciada notícia sobre 4 projectos de atlas, desde o “velhinho” *Atlante Linguistico Italiano* (ALI), passando pelos “adultos” *Piccolo Atlante Linguistico del Piemonte* (PALP) e *Atlante Toponomastico del Piemonte Montano* (ATPM) até ao “menino” *Mapping Alpine Place-names for Upward Sociality* (MAPforUS).

Este tem um carácter inovador, “revolucionário”, diria eu. Trata-se de um projecto *on-line* em que todos os habitantes de 20 aldeias dos vales alpinos do Piemonte podem participar na recolha da “toponímia de tradição oral”, através do envio de (traduzo) “topónimos, curtos textos descritivos, ficheiros sonoros, fotografias e vídeos geo-refenciados”. Como já estamos longe dos “tradicionalistas” informantes dos antigos atlas linguísticos! Vamos a isto?...

Esther Baiwir, «Conscience linguistique et variation de registre: une enquête sur l'oiseau en domaine picard».

Para analisar o “vigor” do dialecto na região e o grau de consciência nos membros da comunidade, foi realizado um inquérito, em 2016-2017, a 17 pessoas, entre os 19 e 86 anos, que se consideram como falantes do picardo.

As respostas obtidas compararam-se com as formas cartografadas no *Atlas Linguistique de la France* (ALF) e no *Atlas Linguistique et Ethnographique du Picard* (ALPic). Nessas fontes, *oiseau* é a resposta maioritária, foneticamente muito variável. No ALF, *moineau* e *mouchon* são esparsos. No ALPic, *moineau* ocupa uma área mais ampla e coesa e *mouchon* não foi recolhido.

No que diz respeito ao inquérito, *oiseau* aparece em 17 respostas, mas com pouca riqueza fonética. *Mouchon* pertence a uma das locutoras mais idosas e *moineau* não aparece. Três novos tipos lexicais foram recolhidos: *piaf* (2x), *pièrot* e *mouviar* (1x). Esta informação, fundamentada e completada pela análise às respostas fornecidas para ‘cão’, ‘gato’ e ‘galinha’, permite estudar os dados numa perspectiva sociolinguística e etária.

A conclusão principal, quanto à noção de picardo, por parte dos falantes, é que eles (traduzo): «reivindicam uma prática linguística que designam por *picardo*, atribuindo um estatuto à variante polimorfa que constroem com toda a segurança [...] mesmo que esta apenas se baseie muito marginalmente em competências linguísticas históricas».

Jean Le Dù / Guylaine Brun-Trigaud, «Le nom français du *balai*».

O capítulo é uma interessante viagem geolinguística e histórica pelas designações para a ‘vassoura’ na França.

A primeira parte estuda exaustivamente todas as possibilidades etimológicas para *balai*, que só encontra correspondente no catalão *bàlec* e no castelhano dialectal *bálogo*. Posteriormente, faz-se uma enumeração da nomenclatura românica e céltica para este conceito proveniente do lat. *SCOPA* e do lat. *VERRERE*.

Esta análise estrutura-se em forma de “passeio” geolinguístico em três etapas: (i) por um mapa com a repartição toponímica, na Baixa-Bretanha, do tipo *bannallec* (< gaulês \**banatlo* > *balatno* (por metátese) ‘giesta’; (ii) pelo mapa com os derivados do lat. *SCOPA* (Península Ibérica, França, Itália, Córsega, Sardenha e Grã-Bretanha); (iii) por cinco mapas que recolhem: a) a repartição lexical dos termos para ‘giesta’ (*Cytisus scoparius*), pois, como é sabido, é frequente designar-se um objecto pelo nome do material de que é feito; b) a repartição lexical dos termos para ‘vassoura’; (c) a área do sistema vigesimal na numeração e que sempre existiu no bretão; d) a transformação do *w-* inicial celta (< lat. *VESPA*) em *gw-* (bretão *guespedenn*); (e) a repartição geográfica da nomenclatura bretã para ‘vassoura’.

É salientada a importante ajuda da geolinguística na compreensão da evolução linguística, sobretudo em domínios em que a documentação escrita é rara ou inexistente e é referida a importância do fundo linguístico bretão na formação da língua francesa.

Janine Elisa Médélice, «Les désignations de la Voie Lactée dans le domaine galo-roman de France».

O estudo analisa as designações desta nebulosa cuja “estrutura nominal” se compõe de um nome comum —que significa normalmente ‘caminho’ ou ‘linha’—, em solitário ou seguido de um adjetivo (‘branco, lácteo’, etc.) ou, mais frequentemente, de um nome próprio, normalmente de carácter sacro.

O primeiro elemento tem duas motivações principais. A maioritária é a de “extensão de terreno que permite a circulação de pessoas, animais e viaturas”, com diversas tipologias: ‘caminho’ (largamente maioritário), ‘carreiro’, ‘via’, ‘passagem’, ‘estrada/rua’ ou ‘vale’. A outra motivação pode ligar-se à (traduzo) «impressão visual gerada pela Via Láctea [...] uma linha»: ‘traço’, ‘rasto, traçado’ ‘linha’; ‘vestígio deixado por uma roda’. Foram recolhidos dois termos de difícil explicação motivacional: ‘árvore’ e ‘galinheiro’.

Quanto ao segundo elemento, a hagiografia é a motivação maioritária. São nomeados 13 santos, com destaque para *Santiago* e, num segundo nível, *S. Pedro* e *S. João*. Também aparecem outros nomes ligados ao sagrado: *Deus*, *Virgem*, *Paraíso*, *Céu*, *Cruz* e, até, *Diabo*; nomes bíblicos: *Abraão*, *Jacob*, *David*. Finalmente, mencionam-se oito locais de peregrinação; para além de *Compostela*, destacam-se *Jerusalém* e *Galileia*. Fora do sagrado, aparecem personagens históricas, como *César* e *Carlos Magno*, e designações antroponímicas genéricas: *pastor*, *camponês*, *dama*. Também há motivações de fenómenos atmosféricos: *vento*, *bruma*, *bom tempo*.

O trabalho conclui com um breve paralelismo quanto a alguma da terminologia românica para a nossa galáxia.

Joan Veny, «Camí de sant Jaume / Camí de Santiago».

Trata-se de um excelente e muito bem documentado artigo sobre as designações da Via Láctea em catalão.

A primeira parte do capítulo examina a documentação histórica (dicionários e textos) e os dados dialectais de diversas denominações. As principais são: *Galàxia*; *Via Làctia* / *Galàxia*; *Camí de Sant Jaume*; *Carrera*, *carrer*, *carretera de Sant Jaume*; *Camí*, *carro*, *carretera de Santiago*. Outros nomes no primeiro termo do sintagma são (traduzo) ‘arco’, ‘rastros’ e ‘senda’; no segundo termo aparecem ‘Santa Ana’, ‘S. João’, ‘S. Miguel’, ‘S. Pedro’, ‘céu’, ‘uva’, ‘estrelas’ e ‘alva’.

A segunda parte enumera e sintetiza as motivações dadas pelos informantes ou pelas fontes textuais para justificarem a resposta fornecida. Por exemplo, para *Carretera (de) Santiago* explicou-se, em Fraga, que era porque «Santiago va fer el viatge i per allà on va passar, hasta allà on va morir, va deixar la carretera eixa marcada».

Na continuação, explica-se a distribuição espacial das diferentes respostas e faz-se uma comparação onomasiológica com outras línguas românicas; constata-se que estas incorporam muitos conceitos inexistentes nas respostas catalãs, seja no núcleo, seja no determinante.

Finalmente, estuda-se o sintagma *camí de Santiago*, pouco documentado e com testemunhos relativamente recentes. Veny afirma que o termo terá entrado recentemente no valenciano pelas áreas vizinhas do “murcianomanchego”, substituindo *camí de Sant Jaume*. Justifica com um mapa que cartografa a distribuição territorial de *camino* / *camí de Santiago* naquelas três regiões.

José Enrique Gargallo Gil / Joan Fontana i Tous, «*Chámanlle à lúia Lucía, chámanlle ó sol Ma-noel...* Refranes meteorológicos, romances com sol y luna».

Os autores presenteiam-nos com uma contribuição muito interessante, quer a nível cultural, etimológico, linguístico (até com uma inovação lexical: *paremiotipo*) e, atrever-me-ia a afirmar, poético e humorístico. Partem de uma recolha de 30 provérbios base referentes a dois fenómenos atmosféricos relacionados com o sol e a lua que, tradicionalmente, são vistos como homem e mulher.

O primeiro tema são os respectivos halos luminosos, nomeados no seu corpus paremiológico (maioritariamente peninsular) por três tipos de designações: (i) *cercu*, *cercu*, *circo*; (ii) *rolde*, *rogle*, *redol*; (iii) *galdufa* (< *baldufa*). Os seus efeitos atmosféricos, na descrição dada pelos provérbios, são: (i) o halo da lua pode não encher a lagoa, mas enxuga o pastor, enquanto o halo do sol molha sempre o

pastor ou a sua capa; (ii) o halo da lua seca a lagoa, mas o halo do sol enche-a; (iii) em cem halos de lua chove uma vez, enquanto em cem halos de sol chove noventa e nove; (iv) os halos são prenunciadores de chuva.

A segunda parte do trabalho estuda o caso raro de arco-íris com lua. O trabalho finaliza com uma secção miscelânea que comenta dois provérbios peninsulares (Galiza e Portugal) e três doutros espaços (Itália e França) que contêm motivações diversas: (i) eclipses e ocultações momentâneas de sol e lua, (ii) lua de Janeiro e sol de Maio; sol do Natal e lua da Páscoa, (iii) sol da cor da luz da lua.

Apesar de contrariar o provérbio, creio poder afirmar que ainda é possível haver “sol na eira e chuva no nabal”...

Pilar García Mouton / Isabel Molina Martos, «Geolingüística histórica del castellano peninsular: los nombres de la urraca».

Este trabalho realiza um estudo exemplar das designações obtidas para a pega (*Pica melanotos*) no castelhano central, baseado nos dados de três fontes diferentes, no espaço e no tempo: (i) *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI); (ii) *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Castilla-La Mancha* (ALeC-Man); (iii) *Atlas Dialectal de Madrid* (ADiM). Isto permite às autoras realizarem numerosos comentários em perspectiva diacrónica.

No ALPI, *burraca* é, de longe, a resposta mais frequente. As restantes, à excepção de *blanca*, apenas ocorrem uma vez: *furrapa*, *hurraca*, *marica* e *graja*. No ALeCMan, *burraca* é a variante mais frequente e *urraca* já aparece em 15 pontos. *Blanca* regista-se em 4, e *marica* mostra uma assinalável expansão: 23 pontos; *maría* aparece num ponto e *graja* em 2. *Picaraza* é forma única. Finalmente, no ADiM, *urraca* e *burraca* ocorrem no mesmo número de pontos: 7; *marica* em 3 pontos e *maría* num.

Numa perspectiva geolingüística, observam-se no espaço lingüístico castelhano duas áreas bem delimitadas: uma, a norte, mais antiga, em que as designações derivam de *pic-* / *picc-*, e outra, no centro e sul, de nomes de mulher. A partir do ALPI e do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), apresenta-se também uma análise do que acontece no domínio ibérico.

João Saramago, «O Galego e o Português no tempo e no espaço».

Começo por apontar uma falha (minha) no mapa 1a: *pelón* não consta na lista dos símbolos da respectiva legenda, apesar de constar no mapa. Corresponde ao ‘martelo’ com a ‘cabeça’ em branco que está no primeiro ponto de Pontevedra, junto à fronteira portuguesa.

O intento desta abordagem é determinar qual a importância do factor tempo na diversidade dialectal. Para tal, procedeu-se a uma análise às respostas obtidas a 4 conceitos “normais” de campos semânticos diversos: o calvo, o queixo, o halo da lua e a via láctea, em três atlas: o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), o *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal* (ALEPG) e o *Atlas Lingüístico Galego* (ALGa) cujos inquéritos mais antigos e modernos estão separados por quase meio século (46 anos). O resultado obtido não foi muito conclusivo: o número de respostas lexicais é praticamente o mesmo para *calvo*, *queixo* e primeiro elemento da *via láctea*. Os restantes, *halo da lua* e segundo segmento da *via láctea*, fornecem resultados que apontam para duas direcções diferentes: o *halo da lua* apresenta uma variação bem maior nos atlas mais recentes, enquanto as respostas obtidas para o segundo segmento da *via láctea* são bem mais variadas no ALPI.

Antonio Romano / Paolo Mairano / Valentina De Iacovo, «Classificazione ritmica di alcuni campioni di galiziano parlato rispetto a quelli di altre parlate romanze».

É um trabalho eminentemente técnico, quer na sua abordagem, quer na sua metodologia e respectiva terminologia, que se enquadra no âmbito de um projecto ambicioso: o *Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman* (AMPER). O seu objectivo é avaliar a organização temporal e a caracterização rítmica do galego. Na parte introdutória fornece-se informação sobre a clássica divisão entre línguas isossilábicas e línguas isoacentuais; igualmente se referem os métodos mais recentes da fonética instrumental que avaliam numericamente os índices de duração e de ritmo.

O corpus de estudo consisteix en tres amostras, lides en galego, de un conto tradicional italiano “La tramontana e il sole” (o vento do norte e o sol), utilizado pola Asociación Internacional de Fonética para elucidar sobre as propiedades fonéticas xerais das linguas. As principais variábeis temporais examinadas foron: velocidade de articulación, número de pausas, nº de intervalos vocálicos e consonánticos. Os resultados obtidos permiten afirmar que o galego é unha lingua isosilábica, ao contrario do portugués.

Maria Celeste Augusto, «Em torno da torneira: coisas, nomes, lugares».

Quem diria que un obxecto tão simples, a *torneira*, nos possibilitaria un “paseio” polo xardim zoológico e un périplo “turístico” por moitos recantos románicos, con un “extra” pola Alemaña e Escandinavía e, até, pola arquitectura!

É o que permite esta aproximación de “semántica motivacional” ao concepto “válvula simple que se destina a regular ou deter a saída de un fluído”.

Para isto, a autora tamén se obrigou a un longo “paseio” polos atlas lingüísticos e outras fontes informativas, o que lle permitiu reunir en tres grupos motivacionais as denominacións do concepto. Apenas refiro os nomes, para os cales é fornecida a súa etimoloxía, bem como a polissemia de algúns deles. Grupo I (zoomórfico): *grifo*, (mitoloxía), *grua* (fêmea do *grou*), *galo* e familia, *carneiro*, *cabra*, *grilo* e *bica* (fem. de *bico*). Grupo II (“forma e/ou proceso de actuación do dispositivo”): *torneira*, *billar*, *canella* e variantes, *fausset* e *chantepleure*. Grupo III (“motivación e percurso etimológico cuestionáveis”): *jetalcheta* e *aixeta*.

Trata-se, pois, de unha abordaxe moito válida que abre camiño a outros estudos máis completos con a inclusión de outros obxectos, da mesma área semántica, que poden ser analizados nun “tratamento etimológico motivacional”.

Termino con un voto: que a torneira, por onde jorrou este “jacto” de amizade románica, nunca se feche...

João SARAMAGO

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

ARGENTER, Joan A. / LÜDTKE, Jens (ed.) (2020): *Manual of Catalan Linguistics*. Berlin / Boston: De Gruyter, 784 p.

Una obra magna hauria de tenir una ressenya magna, però no serà pas aquesta..., perquè vuit pàgines no poden estregassar-se de cap manera per descriure i valorar —de forma representativa, justa i argumentada— les esplèndides i atapeïdes 784 pàgines d’aquest manual.

Segurament el primer que cal dir d’aquesta obra és que calia: és oportuna i útil. Continua una tradició, té precedent il·lustres —se’n parlarà més endavant—<sup>1</sup> i contribueix a la difusió i coneixement dels estudis lingüístics sobre la llengua catalana.

#### Presentació

L’obra s’inclou en la sèrie *Manuals of Romance Linguistics (MRL)*, dirixida i editada per Günter Holtus i Fernando Sánchez-Miret, que pretén, com diuen en el text de presentació inicial, «offer an extensive, systematic and state-of-the-art overview of linguistic research in the entire field of present-day Romance studies». Un objectiu ben ambiciós, que es concretarà en nombrosos volums (aproximada-

1. D’entrada, val la pena esmentar, almenys, *La linguistique catalane*, actes publicades per Antoni Badia i Margarit i George Straka, París: Klincksieck, 1973 (en francès), i el *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Volum V, 2, Okzitanisch, Katalanisch, editat per Günter Holtus, Michael Metzeltin i Christian Schmitt, Tübingen: Niemeyer, 1991 (amb capítols en castellà, francès i italià). També, però en català, l’*Enciclopèdia de la llengua catalana*, editada per Francesc Vallverdú, Barcelona: Empúries, 2001.

ment 60, de 400 a 600 pàgines cada un) de dos tipus: o dedicats a una llengua específica (com és el cas del volum ressenyat) o a un camp de recerca.

En els agraïments, Joan A. Argenter explica que la gènesi del volum s'ha de situar al 2013, quan els editors de la sèrie *MRL* van proposar a Jens Lüdtkke la creació del manual corresponent al català. Al cap d'un temps de desenvolupar funcions inicials com a assessor, Argenter s'incorpora al projecte com a coeditor. Després de la mort de Jens Lüdtkke al gener del 2019, queda com a únic editor.

#### *Descripció dels continguts*

En el que ja és pròpiament el primer capítol de l'obra («0 Introduction», p. 1-15), Joan A. Argenter explica els trets bàsics, el pla i l'estructura del Manual (p. 1-5), com és lògic. No sembla gaire lògic, en canvi, que es dediquin les 3 pàgines següents de la introducció a l'apartat titulat «4 Webs of words: translation and literary language. A case in point», ni les gairebé quatre pàgines següents (p. 8-11) a «5 The Catalan-speaking community». Són apartats que semblen col·locats amb calçador i que no venen al cas, el primer perquè —com es comentarà més endavant— és d'un tema que lamentablement no es tracta al manual (estilística o pragmaestilística), i el segon justament pel contrari, perquè és un tema sobretractat al llarg de tot el manual (el sociolingüístic).

En efecte, les absències i els biaixos són —ja es pot avançar— els aspectes més criticables d'aquesta obra, i ja queden reflectits a la introducció, que s'acaba amb unes notes referents a l'edició (ortografia, citacions i llocs de nom) i una bibliografia. S'hi diu que els editors van suggerir que els autors adaptessin els textos a les noves normes ortogràfiques, però que pot haver-hi variacions per la seva tria «or the lack of comprehensive adjustments by revisers» (p. 11). Sorpren aquest últim comentari sobretot perquè, de fet, l'edició és realment molt neta, i s'hi detecten poquíssimes errates.<sup>2</sup>

Al capítol 1 Joan F. Mira fa una exposició sobre «Languages, Cultures, Nations: A History of Europe» (p. 17-35), i Joan Julià-Muné, de qui lamentem profundament el seu recent traspàs, fa una «History of Catalan Linguistics» (p. 37-78). Es tracta de dos capítols necessaris i excel·lents. Expliciten, això sí, un dels biaixos —també se'n parlarà més tard com a crítica— de l'obra: l'històric. Arreu del llibre domina el vessant històric (o diacrònic, si es vol dir així) sobre l'actual (o sincrònic), i el sociològic sobre el comunicatiu (o semiòtic).

Els quatre primers epígrafs dels apartats del capítol de Mira desvetllen ja l'interès intrínsec del que escriu: «1 A people without a language of its own», «2 Is “speaking” “being”?», «3 On culture and Language», «4 Reading and writing: literatura?». En el cas del capítol de Julià, es fa un exercici de síntesi més que notable, però és evident que descriure tota la història de la lingüística catalana i la seva situació actual en 42 pàgines (incloses 15 de bibliografia i apèndix cronològic) és impossible. El capítol s'hauria hagut de dividir i tractar els últims apartats (de lingüística contemporània) com un capítol separat (el mateix Julià hauria estat el més indicat segurament per encarregar-se'n, tal com demostra en el text i amb la seva visió àmplia i rigorosa alhora). El contrast entre el capítol i el conjunt del volum no és una contradicció amb el que s'ha dit abans, però resulta més aviat estrany o absurd: s'hi parla molt d'història (de la llengua) i poc d'història de la lingüística catalana (sobretot de l'actual); de més a més, Julià presenta nombroses àrees que després no es tracten. Només una comparació de mostra: el capítol de Julià és més breu que cada un dels tres primers dedicats a la morfosintaxi (5.1, 5.2 i 5.3), que sumen 118 pàgines (!), o que els dedicats a la història de la llengua o a la sociolingüística.

Acabada aquesta part introductòria, el volum s'estructura en tres grans blocs: «Language Description» (p. 79-434), «Language History» (p. 435-593) i «Catalan Today» (p. 595-750), que es descriuen molt sintèticament a continuació.

2. A les bibliografies, però, s'haurien hagut d'esmentar tots els autors de les obres col·lectives, i no fer ús de l'abreviatura *et al.*, adequada només per al text central (i si s'han citat tots els autors primer o es citen al final a la bibliografia).



*Descripció de la llengua*

Xavier Lamuela tracta l'ortografia («3 Spelling», p. 81-99), i Nicolau Dols, la fonologia, la fonètica i l'entonació («4 Phonology, Phonetics, Intonation», p. 101-128). Al marge de la qualitat de les contribucions —que és una constant en tot el volum, i segurament el més destacable— el desequilibri pel que fa a l'extensió (i, doncs, a la importància que es dona a cada àrea i a la consegüent imatge de la lingüística catalana) torna ara a ser evident. Si l'ortografia requereix 19 pàgines, com es pot encabir tota la fonètica, la fonologia i l'entonació en 28? L'entonació catalana, de la qual precisament ja se n'ha fet fins i tot un atlas, o manuals, estudis dialectals..., s'acaba tractant en a penes quatre pàgines..., en un manual de lingüística de 784 pàgines! Amb prou especialistes per fer-ho, no es mereixia un capítol a part? Igualment, s'hauria pogut separar en capítols la fonètica de la fonologia, amb un reconeixement més clar de tota la tradició catalana de la fonètica experimental, per una banda (ben recollida en l'article de Julià), i, per una altra, de les aportacions a la fonologia (general i internacional) de la fonologia teòrica feta (i que s'està fent) des del català, amb noms prou il·lustres i coneguts.

Mar Massanell estrena els capítols de morfosintaxi (5) amb «5.1 Word Classes, Inflectional Categories and Paradigms» (p. 129-164), i la segueixen Gemma Rigau i Manuel Pérez Saldanya amb «5.2 The Simple Sentence» (p. 165-210) i «The Complex Sentence» (p. 211-246). Es tracta novament de contribucions molt ben exposades i clares. Ara bé, hi ha repeticions que s'haurien hagut d'evitar entre els dos capítols, per exemple pel que fa als elements nominals: cf. 5.1 (7) i 5.2 (3), amb informació duplicada sobre determinants (articles, demostratius, possessius), pronoms personals —cf. 5.1 (7.4) i 5.2 (4)—, adjectius —cf. 5.1 (2.1.2) i 5.2— i preposicions (dono la numeració de la manera que considero més entenedora; en el manual no és gaire clara). Certament en algun cas el capítol 5.2 aporta informació nova respecte del que es deia a 5.1, però es podrien haver evitat repeticions en força aspectes de les classes de paraules.

Ingo Feldhausen i Xavier Villalba escriuen el capítol següent («5.4 Modality and Information Structure: Focus, Dislocation, Interrogative and Exclamatory Sentences», p. 247-269), i Jaume Mateu, el que tanca la part de morfosintaxi: «5.5 Lexicalized Syntax: Phraseology» (p. 271-286), centrat en la distinció entre unitats idiomàtiques («idioms») i col·locacions («collocations»).

Maria Josep Cuenca és l'autora del capítol següent («6 Pragmatics and Text Linguistics», p. 287-310). La impossibilitat de resumir unes temàtiques tan àmplies en tan poques pàgines és tan òbvia que no cal comentar-la, si de cas la sorpresa ve del fet de dedicar un espai molt reduït a una dimensió ja tan estudiada en el panorama lingüístic internacional (De Gruyter té una col·lecció de pragmàtica de tretze volums enciclopèdics i una altra de més de vint monografies...). Cuenca salva amb solvència la papereta i se centra en diversos temes d'interès: les pressuposicions (i l'article personal), la dixi, les partícules modals i els marcadors discursius.

S'obre a continuació la part dedicada al lèxic («7 Lexicon», p. 311-369). Josep Martines és l'autor del primer capítol («7.1 Lexicon», p. 311-350), gairebé amb el doble d'extensió que l'anterior, un altre exemple clar dels desequilibris del volum, i Jens Lüdtke, l'autor del segon («7.2 Word-Formation», p. 351-369).

La part dedicada a la variació («8 Variation and Varieties», p. 371-434) s'enceta amb un capítol de Mar Massanell sobre la variació dialectal («8.1 Dialects», p. 371-396). Sobta també que s'hagi dedicat tan poca extensió a un tema tan rellevant, i el mateix es pot dir del capítol següent («8.2 Social and Functional Variation in Catalan», p. 397-420), firmat per Miquel Àngel Pradilla. En aquest últim cas sobta també que es barregin dos tipus de variació que es podien tractar perfectament per separat, i amb unes formes més adequades i representatives dels estudis duts a terme en la lingüística catalana. De la mateixa manera que no es barreja diacronia i diatopia, no s'entén per què ara es barregen i minimitzen les dimensions diafàsica i diastràctica.

Joan Soler tanca aquest primer bloc de l'obra amb un capítol sobre els corpus («9 Language Corpora», p. 421-434).

### *Història de la llengua*

Philip D. Rasico és l'encarregat d'iniciar la part pròpiament històrica («10 Early Medieval Catalan», p. 437-469), seguit per Antoni Ferrando («11 The Growth and Expansion of Catalan (1213-1516)», p. 471-484). Es tracta de dos capítols bastant diferents pel que fa a l'extensió (el segon, força breu), l'orientació del tema (el primer, més decantat cap a la història interna; el segon, centrat gairebé exclusivament en l'externa) i el to (el primer, més especialitzat, més divulgatiu el segon).

Miquel Nicolás tracta breument el català modern («12 The Origins of Modern Catalan: Cultural and Linguistic Evolution», p. 485-495), i Jenny Brumme la Renaixença («13 *Renaixença*», p. 497-515), un terme que curiosament després apareixerà amb interrogant en el quart epígraf del capítol 16.<sup>3</sup>

El capítol 14 es titula «Towards Language Institutionalization» (p. 517-560) i es compon de dos subcapítols, tots dos firmats per August Rafanell: «14.1 The Language Reform, the Institut d'Estudis Catalans and the Work of Pompeu Fabra» (p. 517-543) i «14.2 From Pompeu Fabra to the Present Day: Language Change, Hindrance to Corpus and Status Planning» (p. 545-560), molt detallats i amb alguna repetició respecte del que s'exposava en el capítol anterior de Brumme (i el de Julià d'història de la lingüística, en aquest cas més justificable).

Albert Turull és l'autor d'un capítol sobre onomàstica («15 Onomastics: Personal Names and Place Names», p. 561-580), i Montserrat Bacardí i Joaquim Mallafre, sobre traducció («16 Translation», p. 581-593). L'últim apartat d'aquest capítol es dedica a les traduccions des del català («8 Translation from Catalan», p. 590-591).

### *Catalan Today*

Malgrat que el títol d'aquest últim bloc fa pensar més en un llibre de divulgació que no en un manual especialitzat de lingüística, els capítols que el componen són bàsicament de sociolingüística, amb alguna píndola de lingüística aplicada (però sense fer servir aquest terme).

Joan A. Argenter enceta aquesta part amb «17 Languages in Contact: A Sociocultural Approach» (p. 597-628). Es tracta d'una llarga i detallada contribució, amb la qualitat pròpia d'un especialista en el tema. També hi resulta evident el biaix que ja s'ha insinuat més amunt, social i històric. La perspectiva triada és lògica, necessària i legítima, però tant com la pregunta que provoca: ¿on és el capítol sobre els fenòmens de contacte des de la perspectiva (pròpiament, estrictament, bàsicament...) *lingüística*? Seria tan esperable com l'anterior, però no hi és. La desaparició és flagrant si es té en compte la tradició d'estudis, ben documentada i farcida des de fa segles.

F. Xavier Vila tracta la demografia a «18 Language Demography» (p. 629-648), Eva Pons dedica el seu capítol a «19 Language Law and Language Policies» (p. 649-668) i F. Xavier Vila repeteix amb «20 Teaching and Learning of Catalan» (p. 669-682).

No se sap molt bé per què —atesa l'absència de capítols sobre retòrica, estilística i varietats funcionals—, però a continuació figura el capítol firmat per Oriol Camps i Aina Labèrnia titulat «21 Catalan in the Mass Media: The Rise of Stylebooks» (p. 683-692), el més breu del llibre i que s'hauria pogut encabir en la part de descripció funcional. Contrasta que s'hi presenti un cas específicament del català i molt concret (de to molt local) amb l'inici del següent capítol («22 Terminology and Neology», p. 693-707), de M. Teresa Cabré i M. Amor Montané, en què les sis primeres pàgines parlen —amb un to molt general— del que és la terminologia (i la seva aplicació i evolució). Potser aquestes ambivalències són inevitables en obres d'aquesta mena, però combinades amb les absències esmentades provoquen en el lector —si més no en el recensor— una sensació de *laissez faire* i de mosaic o trencadís no gaire coherent.

Aquesta sensació s'incrementa quan a continuació del que s'ha exposat tornem a la sociolingüística més estricta: Emili Boix i Kathryn Woolard tracten les ideologies a «23 Language Ideologies in Society» (p. 709-721), i Joan Pujolar la «24 Migration in Catalonia: Language Diversity in the Global Era»

3. ¿Què entendrà, un lector que no conegui la polèmica sobre el terme, quan trobi a la p. 584 un epígraf que es titula «Renaixença?», sense cap més explicació?

(p. 723-737). El bloc i el llibre acaben amb el capítol d'August Bover titulat «25 Catalan Worldwide» (p. 739-750), en què es fa un repàs de la presència del català més enllà dels Països Catalans, històricament i actualment, i dels casals, revistes i associacions de catalanística d'arreu del món.

*Però què és, la lingüística catalana?*

Sembla que al final tornem a l'inici de tot, però aquest últim bloc —i l'últim capítol— fa pensar en un tema tan elemental que pot passar inadvertit: què és, exactament, la lingüística catalana? Algú podria pensar que no cal definir el terme..., de tan evident que és. Però sovint les coses i els conceptes bàsics són molt difícils de definir, de delimitar, o sigui de posar-hi límits. Realment, en el llibre no es defineix, el que és la lingüística catalana, i així s'evita un debat (universal) i una duplictat que porta d'una lingüística (antiga) molt nyicris i gairebé sempre confosa amb la gramàtica a unes ciències del llenguatge (modernes) molt àmplies i amb orientacions descriptives, teòriques o aplicades molt diverses. Així s'amaga o s'oblida, igualment, la polèmica entre una lingüística volguda i pensada com a ciència immanent o independent, i una altra lingüística (inevitable) que, si no és ja pròpiament transversal, com a mínim és forçosament interdisciplinària, tant en la dimensió teòrica com en l'aplicada.

En el llibre s'eviten termes com lingüística teòrica o aplicada justament perquè no hi ha cap capítol, fora del de Joan Julià, que plantegi què ha estat, què és i que serà la lingüística catalana. I cal dir en honor seu que, malgrat les poques pàgines de què va disposar, en comparació a d'altres capítols, se'n surt molt bé i, amb honestedat i una capacitat de síntesi admirable, repassa amb una visió generosa una panoràmica complexa i diversa. Més enllà del seu capítol, el volum oscil·la molt, massa, i sovint de forma inexplicable. De fet, acaba amb una sèrie d'apartats que semblen més propis d'una enciclopèdia de la llengua (i la cultura) catalana que no d'un manual de lingüística prototípic i tradicional: «4.1 The *Casals*: a network of Catalan communities», «4.2 Magazines», «4.3 Radio, TV, Internet and the digital world», «4.4 Catalan studies abroad», «4.5 The Institut Ramon Llull» (p. 743-748). La qüestió no seria criticable si al costat de tot això apareguessin també les àrees *desaparegudes* que molts especialistes posarien molt més a prop de la lingüística (o almenys a la mateixa distància) que la història, la sociologia o la divulgació cultural. Em refereixo sobretot a àrees tan variades i extenses com l'anàlisi del discurs o la lingüística aplicada, que en el volum ni es plantegen. O a dominis més concrets i parcials com la lingüística computacional (no existeix, en la “lingüística catalana”?), la neurolingüística o la psicolingüística, amb aplicacions tan evidents en el nostre entorn i en la nostra història (ensenyament de la llengua, logopèdia i trastorns del llenguatge...); també terrenys seculars com la retòrica i l'estilística, o recents com la lingüística forense, la llengua de signes catalana, etc.<sup>4</sup>

No s'hi troba res de tipologia, tampoc, i malgrat que sigui contradictori en una col·lecció de romanística, hi ha ben poca lingüística romànica, en tota l'obra. En temàtiques com la variació (sobretot funcional), i en camps tan tradicionals com la dialectologia o la lexicografia, el volum dona una imatge molt escarransida de la realitat i la història de la lingüística catalana, i aquest és probablement el seu defecte principal, perquè fa passar una orientació determinada —historicista, sociològica, i en un segon nivell, gramatical— com la principal, i n'oculta d'altres o hi passa de puntetes, com si no es tingués més remei que fer-ho (molt de tant en tant) i es fes a disgust.

Tampoc certes escoles lingüístiques actuals queden gens ben representades (ni la cognitiva ni la funcional, per exemple), ni s'aborden de ple dos temes que haurien resultat molt interessants i esperables: com s'han integrat en la lingüística catalana les teories predominants arreu i com ha influït la recerca duta a terme en la lingüística catalana en aquestes teories (o, dit d'una altra manera, els fluxos teòrics d'importació i exportació).

En definitiva, pel que fa a la selecció temàtica, resulta evident que el volum no sembla gaire amant de les novetats i deixa un aire molt clàssic i tradicional (ben comparable a l'editat per Badia i Straka

4. No deixa de ser curiós que bastants d'aquests terrenys siguin esmentats explícitament com a signe de modernitat per Holtus i Sánchez-Miret en la introducció, i que s'anuncï que seran centres temàtics de respectius volums de la col·lecció (*MRL*), al costat de les temàtiques tradicionals de la romanística.

l'any 1973, derivat del col·loqui de 1968, i esmentat a la nota 1).<sup>5</sup> Tal vegada hi té a veure la gran quantitat d'autors de capítols relacionats d'una manera o una altra amb l'Institut d'Estudis Catalans, i per tant una visió que sovint potser tendeix a coincidir amb la institucional, heretada i que s'entén com a canònica.<sup>6</sup>

### *Índex temàtic*

Les crítiques anteriors es poden acabar d'exemplificar amb l'índex final, segurament el més fluix —utilitzant un eufemisme— del llibre. Un volum com aquest, magnífic en tants aspectes, es mereixia un índex molt millor, i per començar doble: un índex de temes i un de noms propis. En aquest últim, no costava gaire fer un recull complet dels noms citats, era l'esperable, i no simplement, com s'ha fet, la selecció d'uns pocs noms (“importants” segons el criteri del qui l'hagi elaborat). En l'índex temàtic calia un treball seriós de selecció; no la barreja, a vegades barroera i tot, que s'ha fet. Que hi apareguin termes com *sardana* i *Sant Jordi* (o aquest seria de l'índex de noms propis?) sembla una broma folklòrica..., però esdevé de mal gust quan resulta que no s'hi troben altres termes bàsics (per posar el cas de la pragmàtica, exemples com *acte de parla*, *implicatura*, *cortesia*, *màximes conversacionals*, etc.). Si no s'han pogut posar aquests termes, que han generat milers de pàgines en la lingüística convencional, ¿com es deu argumentar que n'apareguin d'altres com *people* o *patriot/patriotic/patriotism*? Si recordem el que ha representat l'estudi de la retòrica durant segles, ¿com pot ser que el terme no aparegui en l'índex d'un manual enciclopèdic de lingüística i en canvi trobem *politics* amb 12 referències? ¿És esperable que l'Associació Internacional de Llengua i Literatura Catalanes tingui tantes referències (3) com *l'Atles Lingüístic del Domini Català*? Verdguer sí, però Maragall, no? Riba sí, però Carner, no? Etcètera, etcètera.

### *Valoració final*

Tan just com criticar el que no s'ha fet o no s'ha inclòs (i per tant la concepció i les perspectives o biaixos de la disciplina), és valorar el que sí que s'ha fet i els aspectes positius de l'obra, que són més que evidents i notoris. S'ha dit i repetit al llarg d'aquest text que les contribucions, una per una, demostren una alta qualitat, i aquesta és la virtut principal de l'obra. Al marge que n'hagin quedat fora persones i personatges il·lustres, i a banda de desequilibris o desproporcions —que sempre depenen de les balances de qui jutja—, el cert és que el nivell de les contribucions és molt elevat i la quantitat de feina duta a terme molt digna d'elogi, dit sigui pensant en l'editorial, editors i autors. Si a això hi sumem la possibilitat i facilitat de trobar una gran varietat d'informacions actualitzades sobre la llengua catalana i la seva anàlisi, i a més a més escrites en anglès —obertes doncs a un públic d'especialistes internacionals—, tots els que d'una manera o una altra ens relacionem amb el món de la lingüística catalana ens podem alegrar de l'aparició del volum. Per tant, és just i cal fer extensius l'agraïment i la felicitació als editors i col·laboradors que l'han fet realitat.

LLUÍS PAYRATÓ  
Universitat de Barcelona

5. En aquest volum els camps tractats són els següents: història de la llengua, ortografia i gramàtica, fonètica i fonologia, morfosintaxi, lèxic, dialectologia, onomàstica i la situació del català. Les similituds són clares, i encara més si s'hi suma la sociolingüística. En canvi, en el volum de Holtus *et al.* (ed.) (1991), esmentat també a la nota 1, es fa més èmfasi en la variació i la selecció és bastant més oberta. També en l'editat per Vallverdú (2001).

6. Per descomptat, la consideració no s'ha d'entendre en el sentit de possible rebaixa de la qualitat de les contribucions, que ja s'ha remarcat que és molt alta. Ara bé, tenint en compte la quantitat i diversitat dels especialistes de què gaudeix la lingüística catalana, més discutible sembla —si més no a ulls del recensor— que alguns autors hagin redactat dos capítols (a vegades força diferents) mentre d'altres de reconeguts no hi han participat. En terrenys que podien haver estat més ben tractats, per exemple la fonologia, la dialectologia o la lexicografia (entre els “clàssics”), la remarca és evident. Com és obvi, les vicissituds de l'elecció dels autors són nombroses, i el comentari no va més enllà d'esmentar el fet, sense que s'insinuï que es pressuposa res més.